

fortaleza de lanças
império — livro três
anthony riches

Tradução de Jorge Colaço



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para John, Katie e Nick

AGRADECIMENTOS

NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE QUALQUER LIVRO HÁ SEMPRE INDIVÍDUOS essenciais, pessoas sem cujo contributo o trabalho envolvido seria mais duro, menos agradável, mesmo francamente difícil. *A Fortaleza das Mil Lanças*, embora tenha sido agradável (e de alguma forma diferente, tendo sido sobretudo escrito num «quarto de vestir» na Carolina do Sul), não foi exceção a essa regra. Inevitavelmente, o maior louvor deve ser dirigido à minha mulher Helen por aturar todo o enfadonho processo, pelo qual suponho que todos os escritores fazem as suas famílias passar — as aflições com o «ainda não está bem», o ficar a olhar o vazio a pensar em carros e máquinas fotográficas em vez de escrever, o «acabo de ter uma ideia para um livro» quando me arrasto para a cama às 2h30 da manhã, ainda crepitante de criatividade e indubitavelmente acordado, e finalmente a inenarrável presunção do momento do manuscrito terminado. Tudo isso já seria suficientemente mau, mas é ainda pior quando o escritor em questão tem de comprimir toda essa angústia uma semana por mês, em casa. Pela sua paciência e por não perguntarem uma única vez onde diabo estava o manuscrito, Robin Wade (agente) e Carolyn Caughey (editor) merecem o crédito maior. Talvez eu possa pôr em marcha *A Espada do Leopardo*, numa base mais conveniente. Francine Toon substituiu Carolyn zelosamente sempre que esta estava ausente, e geriu as minhas várias queixas sem pestanejar. E ao mesmo tempo que tenho apenas uma ideia vaga do que fazem para apoiar os livros, sei que as equipas de vendas e *marketing* da Hodder têm de estar a fazer um magnífico trabalho, dados os resultados que conseguiram ao longo dos últimos dois anos. Minhas senhoras e meus senhores, seja o que for que estejam a fazer, muito obrigado e por favor não parem! Chegado aqui, devo também agradecer a Ian Patten,

o mais excelente dos editores, pois o seu trabalho sem preço é não só colmatar as minhas inconsistências, mas também ajudar-me a evitar vários erros embaraçosos.

Como habitualmente, submeti o texto a um pequeno grupo de amigos de confiança à procura de opiniões críticas, e assim agradeço a Robin Carter, Paul Browne, David Mooney, John Prigent e Russell Whitfield; obrigado, meus senhores, pelos vossos comentários e deteção de gralhas. Manifestei também, há uns meses, a minha preocupação com a falta de desenvolvimento da história ao meu amigo e sócio Graham Lockhart, do qual recebi apenas o seguinte conselho, no seu acentuado sotaque de Glasgow: «Faz apenas o que fazes sempre. Inventa mais algumas personagens e deixa-as arrancarem-te a história.» Sólido conselho. Eu fiz isso e elas fizeram aquilo, e a lição foi uma vez mais aprendida. Obrigado, Jockzilla!

Escrever a *Fortaleza* providenciou mais um exemplo de como a comunidade que se interessa pelas guerras antigas sempre aparece para ajudar quando solicitada. Membros do muito cotado *site* da Internet Roman Army Talk (www.romanarmytalk.com) nunca falham a dar resposta às perguntas mais misteriosas e providenciam uma fonte de informação (e por vezes de diversão!) de primeira categoria. O excelente site de Kevan White, que infelizmente já não está *online*, continuou a ser uma fonte concisa sobre todas as coisas relacionadas com a zona de fronteira na qual esta história é situada. E embora não tenha podido aceitar a generosa oferta de John Conyard para experimentar montar ao estilo romano devido a uma prolongada doença familiar, que me consumiu todo o tempo livre durante seis meses, conhecer o John e os rapazes do Comitatus em Maryport foi um momento magnífico para mim. O fundo de informação de John contribuiu pelo menos para um pequeno trecho da *Fortaleza*, que eu acho que ele reconhecerá.

Por fim, na frente do «aprender mais sobre ser um soldado romano», o ano foi também assinalável pela caminhada de benemerência ao longo da Muralha de Adriano com armadura completa (e foi mesmo armadura «completa»), trinta quilos de material com todas as armas e escudo. Adrian Wink, da Armamentaria, equipou-me com tudo, David Mooney tentou pôr-me em forma antes do evento — e conseguiu empapar-me em suor e com que ficasse cheio de bolhas nos pés por diversas vezes — e Julian Drake fez todo o caminho atrás de mim, incitando-me por diversas formas, franzindo-me o nariz e troçando de mim como eu merecia. Carolyn fez uma longa viagem para lá estar, o que foi simpático, e Robin, tempestuoso como é, arrastou-me ao longo do percurso ao verdadeiro estilo da

infantaria. Malta, não teria conseguido sem vocês, e não só teria perdido a oportunidade de passar por aquilo que era exigido ao soldado romano médio diariamente, como a Help for Heroes teria perdido uma boa porção de dinheiro. Bom trabalho de todos. Nunca voltarei a escrever outra passagem sobre os tungros em marcha sem refletir em como era duro arrastar todo aquele ferro. Por falar na HfH, não é demasiadamente tarde para fazer uma doação. A página da caminhada pela muralha ainda está ativa e pode encontrá-la através do meu *site* da Internet (<https://anthonyriches.com>). No momento em que escrevo, as forças armadas foram novamente assaltadas pelo Tesouro, sem dúvida pondo um ainda menor número de homens e mulheres ainda sob maior pressão, o que faz deste o melhor local para começar a fazer benemerência. E deixem-se de discursos...

Por último, a todas as outras pessoas que me ajudaram desta vez, mas que não foram mencionadas, para usar o velho clichê, a culpa não é vossa, é minha. Aquelas pessoas que trabalham em conjunto comigo dir-vos-ão quão má a minha memória consegue ser, pelo que, se me esqueci de vocês, aqui está um pedido de desculpas geral. Nas partes em que a história está certa é porque tive alguma grande ajuda, e onde não está, é tudo obra minha.

Obrigado.

 MURALHA DE ADRIANO

 FORTE

 TRÊS MONTANHAS

FORTE DOS
TEIXOS



MURALHA DE ADRIANO

AD181

rio Verm

RIO
VERMELHO

RIO
ESTREPITOSO

FORTE
COCIDIUS

PICO
ROCHOSO

FREIXO

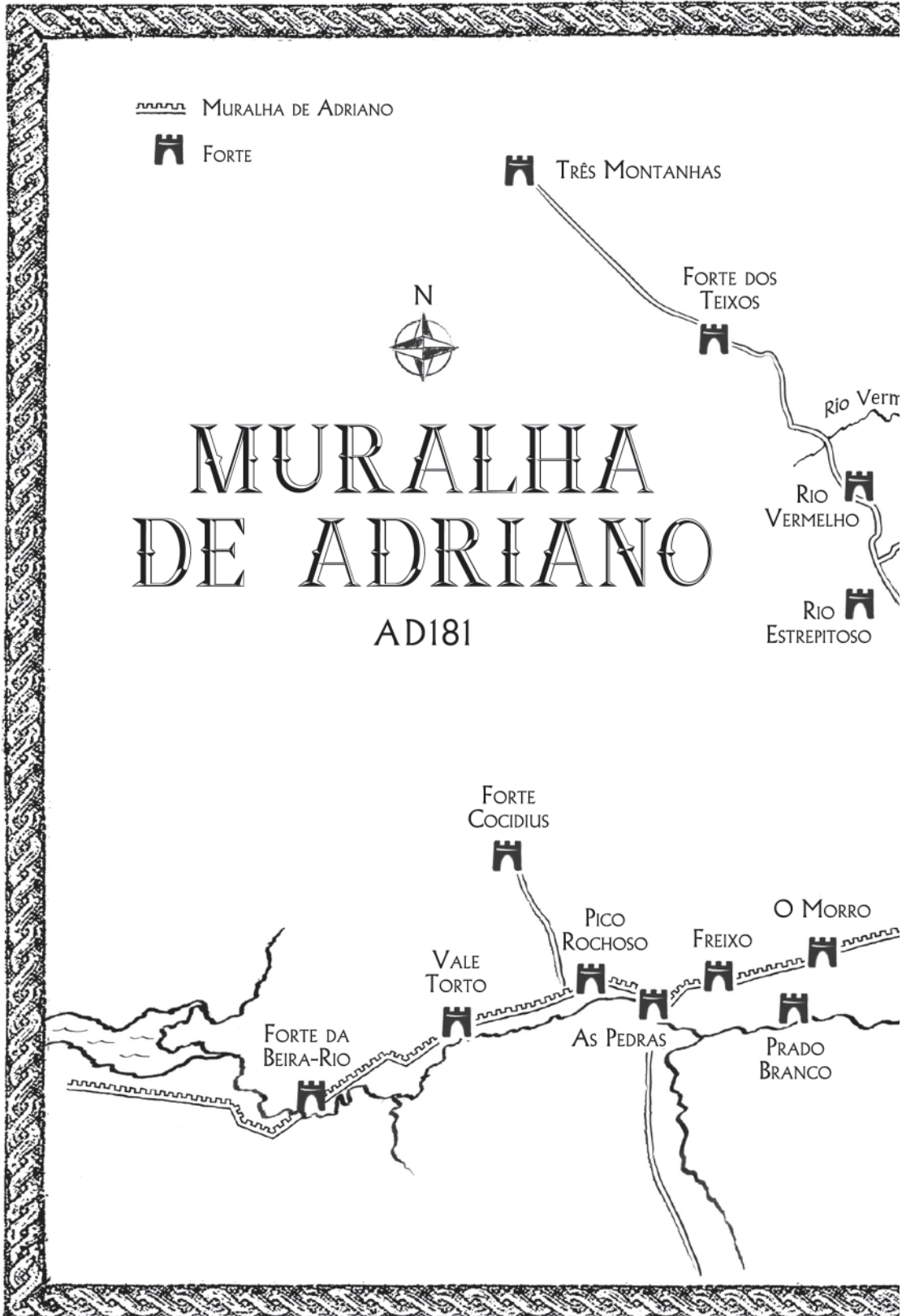
O MORRO

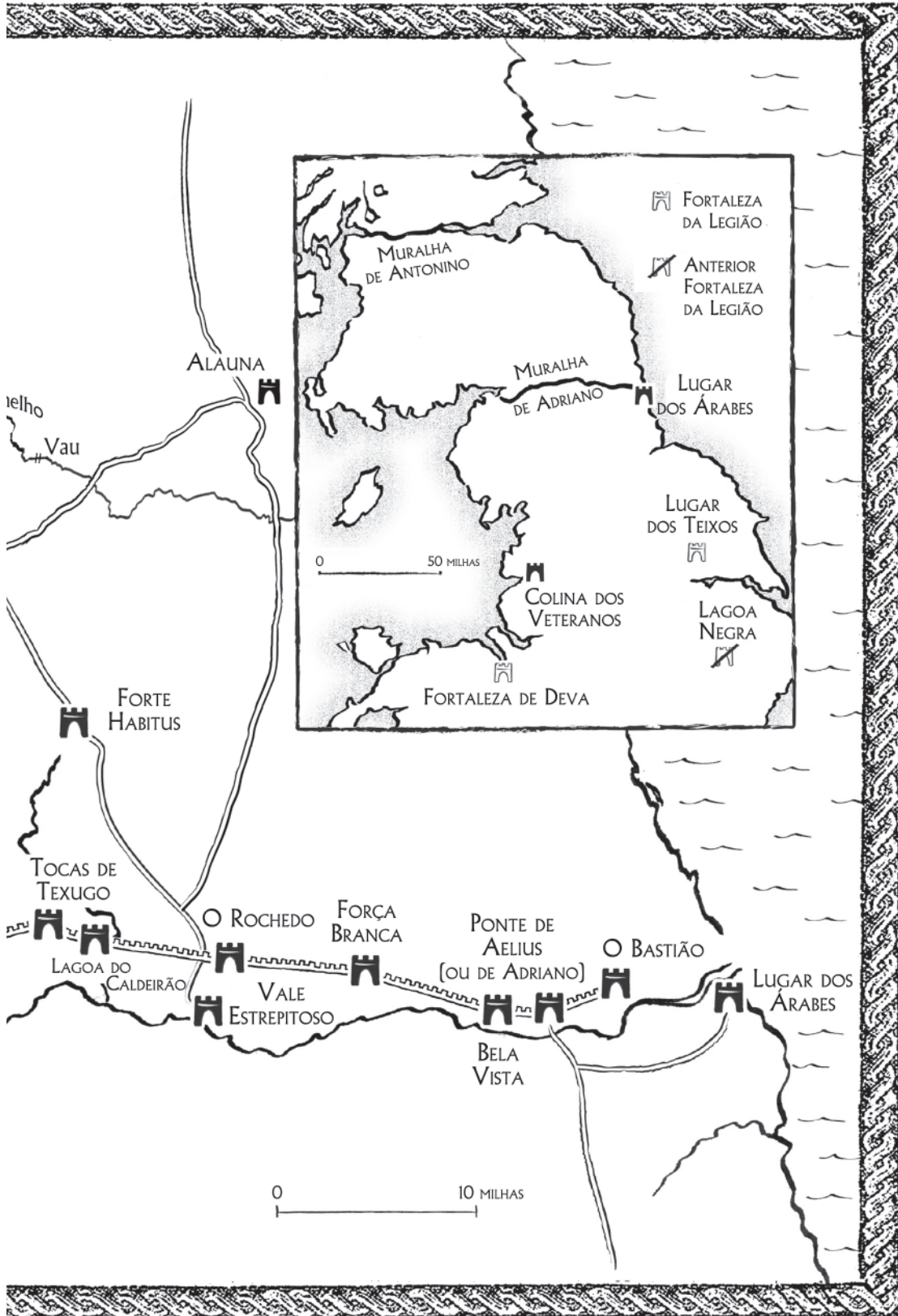
VALE
TORTO

AS PEDRAS

PRADO
BRANCO

FORTE DA
BEIRA-RIO





PRÓLOGO

Roma, agosto, 182

O PRIMEIRO DOS GUARDA-COSTAS DO JOVEM SENADOR MORREU lentamente, asfixiando sobre pedras da calçada com a espada meio desembainhada. Ergueu o rosto para o seu executor de olhos esbugalhados quando este se afastou e sacou o gládio, encarando o mais jovem dos dois homens com um sorriso sombrio. Tinha saído de uma ruela lateral numa rua, cujo súbito silêncio deveria ter sido um alerta suficiente para um homem experiente, aplicando um soco na garganta do soldado veterano antes de o guarda-costas ter tempo de perceber que estava a ser atacado. O senador e o protetor que lhe restava recuaram uns metros, ambos olhando espantados para o companheiro que se contorcia e esperneava no auge do espasmo mortal.

Um outro homem saiu das sombras da ruela na esteira do assassino, encostando-se à parede de uma loja, ao calor do final da tarde, assumindo uma expressão de tédio. Enquanto o assassino do guarda-costas era atarracado, cujos músculos lhe ondulavam nos braços, o homem que o acompanhava era alto e magro. A sua voz, quando falou, era agradável e quase tranquilizadora pela maciez do tom.

— Saudações, Tiberius Sulpicius Quirinius. Perdoe-me, mas não consigo deixar de pensar que, de algum modo, não acertou ao escolher a sua proteção para hoje. Está muito bem contratar soldados na reforma, mas eles tendem realmente a saber mais sobre como lançar dardos contra bárbaros do que sobre os perigos das ruas, como aqui este seu homem está a demonstrar tão ruidosamente. E o que se poupa por contratar um rapaz para fazer trabalho de homem é com frequência superado pelos custos daí resultantes. Não concordaria, senador Quirinius, dado que escolheu arriscar-se num bairro tão rude como o de Subura, apenas com estes dois inocentes como proteção?

O prostrado guarda-costas estremeceu num último esforço desesperado para respirar através da garganta rasgada, e depois tombou molemente de novo e ficou estendido sobre as pedras. Quirinius endireitou-se, olhando o mais alto dos dois homens com um ar de confiança, que estava bem longe de sentir.

— O que raio pensa que está a fazer? Quem é você para desafiar um senador de Roma desarmado em plena rua?

O homem magro sorriu largamente, abrindo as mãos em saudação.

— Quem sou eu, senador? Sou Tiberius Varius Excingus, e sou um dos frumentários¹ do imperador. Este é o meu colega Quintus Sestius Rapax. Ele é oficial pretoriano, acredite ou não, mas nunca perdeu o gosto de matar, mesmo depois da sua muitíssimo merecida promoção a centurião. E quanto ao que estamos nós a fazer... Bem, o senhor poderá ser senador, mas quase ainda usa fraldas, ou teria sido um pouco mais cuidadoso nas últimas horas.

Os olhos do pretoriano estavam bem despertos, calculistas, quando avançou para encarar o guarda-costas que restava. Fez um aceno com a cabeça ao rapaz, que pelo aspeto mal tinha quinze anos, depois voltou a apontar a espada para os homens fardados que guardavam a extremidade oposta da rua de olhares indiscretos, e a sua voz era rouca, fruto de anos a gritar ordens nos terreiros da parada.

— Ficas para lutar, é isso, hein, rapaz? Ainda te podes salvar, se fugires agora. Os meus homens deixar-te-ão partir, se largares a espada e te fores embora. — Esperou, observando o conflito das emoções transparecer no rosto do rapaz. — Não? — O guarda-costas abanou a cabeça, de olhos arregalados e claramente aterrado, mas sem vontade, ou simplesmente incapaz, de virar-se e correr, e o pretoriano riu-se suavemente. — É melhor assim. Eles ter-te-iam provavelmente matado, mesmo que fosse só por diversão, ou só porque tu viste a minha cara. E você, senador, não se junta à luta? Não tem nenhuma arma, suponho. Apenas um idiota teria caído nesta armadilha sem uma lâmina de qualquer natureza, mas suponho que é demasiado tarde para pensar *nisso*...

Avançou impetuosamente, empurrando para o lado a espada em riste do rapaz com a sua e dando-lhe um murro na cara, suficientemente violento para lhe partir o nariz, depois empurrou a lâmina no seu indefeso peito antes de ele poder recuperar do golpe, deixando-o estendido de costas

¹ Os *frumentarii* terão constituído a primeira polícia secreta organizada no Império Romano, muitas vezes sob o disfarce de coletores de milho. (*N. do T.*)

numa poça de sangue que alastrava rapidamente. O senador olhou à sua volta, procurando um meio de fuga, mas as lojas que ladeavam a rua estavam fechadas, e o passo com que o assassino se movia em direção a si era mais sereno do que agressivo. O mais alto dos dois homens voltou a falar, andando pelas pedras da calçada até estar suficientemente perto para que o senador visse a fina cicatriz que lhe cobria o lado esquerdo da cara.

— As más notícias, senador, é que o senhor não é a única pessoa condenada pela sua língua solta, e receio que os estragos não se possam limitar a estes dois pobres indivíduos. Disseram-me que tem uma mulher jovem e um filho pequeno, e por isso, lamentavelmente, o nosso próximo encontro será com eles os dois. Também tem irmãs, creio? Acredite em mim, senador, quando o trono decide eliminar uma ameaça, fá-lo meticolosa e totalmente, de modo a garantir que ninguém, que possa mais tarde procurar vingar-se, fica vivo.

Quirinius abriu as mãos, e a sua voz tremia de desespero.

— Não poderia eu...

— Subornar-nos? Não tem dinheiro que chegue para isso, senador. Apelar ao lado bom da nossa natureza? Não tenho bem a certeza de ter um, mas posso garantir-lhe que aqui o meu colega Rapax de certeza absoluta que não tem. Adora em demasia essas pequenas diversões para ter qualquer decência subjacente. Não, senador, o tempo de pensar duas vezes acerca de tudo isto era *antes* de ter entrado no gabinete do prefeito Pretoriano Perennis e de lhe contar a sua história a respeito da morte do seu filho, e de lhe dizer exatamente quem foi que o matou. Receio que tenha deitado cá para fora que o fugitivo Marcus Valerius Aquila era o assassino e que se esconde numa coorte auxiliar dos Tungros no Norte da Britannia sob o nome de Marcus Tribulus Corvus com demasiada facilidade.

Rapax aproximou-se do jovem nobre, sorrindo brandamente sob o olhar do outro, e depois olhou para o fio de urina que formara uma poça em volta dos seus pés. Abanou a cabeça, e no seu rouco rugido mal transpareceu uma ponta de irritação.

— Tira um instante para te recomposes, rapaz. Um homem deve ir ao encontro dos seus deuses com dignidade.

O senador olhou desamparadamente de novo para o rosto empedernido do assassino, e os joelhos tremeram-lhe com a iminência da sua morte. O pretoriano ergueu a espada e impeliu habilmente a sua ponta na junção do ombro com o pescoço, vendo sem qualquer emoção Quirinius tombar lentamente no empedrado. A vida desvaneceu-se-lhe dos olhos e o sangue

jorrou-lhe pela toga, manchando de vermelho o linho branco à medida que brotava da artéria que Rapax abria. Excingus abanou a cabeça com tristeza.

— É espantoso quantas pessoas um homem pode condenar à morte com apenas algumas palavras soltas. Espero que ainda estejas cheio de energia, colega, pois receio que tenhamos uma longa noite à nossa frente.



Britannia, setembro, 182

OS BATEDORES BÁRBAROS ESTREMECIAM AO FRIO DA MADRUGADA, olhando para o vazio negro da floresta e esperando pelo amanhecer, que os libertaria da sua missão de olhar o arvoredo silencioso à procura de quaisquer sinais de um ataque romano. O mais jovem de entre eles bocejou ruidosamente, esticando os braços para a frente para romper a rigidez que os afligia aos três antes de sussurrar para o líder do pequeno grupo.

— Não há ali nada, nada ao longo de quilômetros. Os romanos estão acampados na planície por detrás de uma muralha de terra e não a arrastar-se pela floresta como um bando de javalis. Já eram horas de termos voltado para o acampamento...

O mais velho dos três assentiu, quase invisivelmente, na escuridão, mais ansioso por aquecer os pés e as mãos à fogueira do que estar ali acorçado na sombra de uma árvore caída, à espera, ao frio, que nada acontecesse. Abanou a cabeça teimosamente, erguendo um dedo aos outros dois, em repreensão.

— Fomos destacados para vigiar este lado do campo para dar o alarme se ouvirmos nem que seja um texugo a agitar as folhas, e é isso que faremos até o sol subir sobre o horizonte e os olhos forem mais eficazes que os ouvidos. Se vocês os dois não gostarem disso, podem voltar para a porra do acampamento e discutir o assunto com...

Sobressaltou-se com um súbito ruído, pensando por um instante que alguém estava a brandir um machado contra a paliçada, cem metros para trás deles, até que percebeu que o mais jovem dos dois homens diante dele tinha sido arremessado de lado para o chão com qualquer coisa a sair-lhe do ouvido. O fedor a sangue empestou subitamente o ar. O guerreiro mais

velho afundou-se por detrás do tronco uma fração de segundo depois, com um grunhido borbulhante de agonia. Revirou os olhos para cima quando a flecha fundamente alojada no seu peito lhe tirou a vida. O líder tirou a corneta de caça do cinto, enchendo o peito de ar e levando-a aos lábios, apenas para depois estremecer com o impacto triturante de uma flecha nas suas próprias costelas. A corneta tombou-lhe dos dedos inertes para a folhagem caída com um suave baque, e ele fitou estupidamente, por um momento, a curta extensão da haste de madeira que lhe saía do peito, sentindo o sangue esguichar do corte terrível e profundo que a sua ponta de ferro lhe fizera no corpo. Com a visão reduzida, afundou-se lentamente sobre os joelhos, apanhado por um momento entre a vida e a morte quando uma figura silenciosa surgiu como um fantasma através do chão da floresta direito a ele.

Sem qualquer ruído que o bárbaro moribundo conseguisse distinguir, a figura na sombra apareceu abruptamente a seu lado, um homem alto e magro, coberto com uma capa cinzenta e um gládio cintilando palidamente na mão direita, de rosto pintado com faixas de lama preta sob um elmo atravessado por plumas para condizer com o chão da floresta salpicado pela luz da lua. Agarrou o guerreiro vacilante pelos cabelos para o equilibrar e ergueu a espada em preparação do ataque, inclinando a lâmina para a estocada mortal. Olhou o homem agonizante nos olhos, por um momento, depois passou a lâmina afiada do gládio pela garganta do impotente guerreiro tribal e deixou-o descair para o chão para o deixar estendido de olhos vidrados sobre as folhas. Metendo-lhe uma mão por baixo da túnica sob a sua armadura, tocou o medalhão que lhe pendia em volta do pescoço e murmurou uma oração silenciosa:

— Que o invicto e todo-poderoso Mithras te permita uma passagem segura até ao teu deus.

Baixou-se para o abrigo proporcionado pela árvore caída, fitando atentamente a paliçada em busca de qualquer sinal de que a morte dos batedores não tivesse passado despercebida aos bárbaros acampados por detrás da muralha protetora. Os seus olhos castanhos eram lagos de negrume na noite enquanto olhava ferozmente a obscuridade, os dedos brancos da força com que apertavam o punho da espada. Após um momento prolongado de completo silêncio, que não fosse o sussurrar das folhas com a brisa suave da noite, virou-se e assobiou suavemente. Uma dúzia de homens ergueu-se da cobertura proporcionada pela vegetação rasteira a cinquenta metros da paliçada do acampamento e atravessou o espaço entre a orla da floresta e a árvore caída, rápida mas cautelosamente, ziguezagueando sem ruído em

redor dos troncos de árvores tombados para a construção da muralha do acampamento. Baixaram-se para o abrigo da árvore caída e ficaram instantaneamente imóveis, cada um deles consciente de que qualquer ruído inesperado poderia acordar os bárbaros que dormiam do outro lado da paliçada. Metade do pequeno grupo era, à primeira vista, inimiga declarada da outra metade, e os seus cabelos desgrenhados contrastavam vivamente com as cabeças quase rapadas dos soldados com as espadas curtas da infantaria. Após um momento, um dos bárbaros curvou-se junto do esgrimista da capa, falando-lhe suavemente ao ouvido:

— Eu disse-te que o lugar era este, Duas Facas. Não teriam posto aqui homens a vigiar a floresta sem um caminho seguro para atravessar a muralha e ficarem a salvo.

O romano assentiu, sussurrando a sua resposta:

— E uma vez que Qadir eliminou os vigias silenciosamente, ainda temos a vantagem da surpresa. — Por detrás do bárbaro, um dos soldados, de elmo emplumado virado ao contrário para assinalar o seu estatuto de escolhido e substituto do centurião, acenou em reconhecimento do silencioso cumprimento do seu oficial. Acabou de lançar o arco a tiracolo sobre os seus ombros musculosos, e tirou o gládio da bainha enquanto o centurião apontava para a muralha de madeira do outro lado da clareira salpicada de cepos. — E a fenda na paliçada é para a esquerda da porta escondida?

O bárbaro assentiu com confiança.

— Sim, como falámos. Uma secção de vinte metros da muralha a partir da abertura escondida está pronta para cair se as barras que a seguram forem retiradas. E agora, se me dá licença...?

Tirou uma comprida faca de caça do cinto e inverteu a pega para que a linha prateada da lâmina ficasse oculta por trás do seu braço. O oficial romano fez um movimento decidido com a cabeça.

— Agora, Martos, rápida e silenciosamente. Muito em breve haverá barulho que chegue.

— Não se preocupe, Centurião Corvus, pela oportunidade de torcer a minha faca nas tripas de Calgus ficaria em silêncio pelo resto dos meus dias.

O bárbaro virou-se para os seus homens quando os guerreiros de cabelos desgrenhados se juntaram à sua volta.

— Eles eram três, um novo, um velho e um à volta da minha idade. Tu, e tu, são o mais parecido com eles que temos. Comigo, e sem ruído. Qualquer um que faça barulho terá de se haver comigo.

Os três homens deslizaram, afastando-se, rapidamente se fundindo com a volumosa massa da paliçada de madeira que fora erguida em redor do acampamento dos bárbaros.

CALGUS, REI DO POVO SELGOVAE E AUTODESIGNADO «SENHOR DAS TRIBOS do Norte», sabia que o argumento, se a coisa pudesse ser considerada merecedora desse nome, estava a afastar-se dele com demasiada rapidez para que houvesse alguma possibilidade de ele reconquistar o controlo da situação. Por um fugaz segundo, considerou atacar o cacique venicone que o desafiava tão descaradamente no seu próprio acampamento, mas a meia dúzia de assassinos dispostos por detrás dele, e o pesado martelo de guerra que transportava ao ombro, matou a ideia antes que tivesse tempo de reunir qualquer convicção. Ele poderia ter estado dentro da sua própria tenda, no meio de milhares de guerreiros do seu próprio povo, que aqueles maníacos de olhar cruel haveriam de irromper por entre a sua guarda pessoal e matá-lo antes que algum dos seus homens fosse suficientemente expedito para reagir. Drust abanou a cabeça veementemente, sacudindo a mão num violento gesto de desdém.

— Esta tua guerra está condenada ao fracasso, Calgus, condenada pela tua própria mão, e a tribo dos Venicones não ficará ao teu lado enquanto os invasores nos trituram a todos nestas colinas. — Sacudiu a mão novamente, a centímetros do rosto de Calgus. — A nossa parte nesta guerra chegou ao fim. Vamos retirar-nos para as nossas próprias terras, e esperar que os romanos decidam se vale a pena darem-se ao trabalho de nos perseguir.

Virou-se para se afastar, e Calgus estendeu a sua mão para lhe tocar no braço.

— Tinha pensado que os Venicone sob o comando do rei Drust tinham...

O líder venicone rodou ao sentir o toque de mão de Calgus na manga da sua túnica de lã grosseira e a trança de cabelo ruivo bateu-lhe na cara com a velocidade da reação. Os seus homens imobilizaram-se quando ele levantou uma mão para conter a reação instantânea, de olhos coruscantes com o impulso para lutar, e ele inclinou-se para mais perto do seu antigo aliado, falando com suavidade apesar da sua fúria:

— Pensaste que estávamos para mais, talvez? Admiras-te que eu possa afastar-me de uma guerra ainda não terminada? Houve um tempo, não muito distante, em que eu teria concordado contigo. Considerava-te

um camarada, Calgus, um homem ao lado de quem eu poderia estar na luta para expulsar os romanos do nosso solo, mas ouve-me bem quando te aviso pela última vez. A próxima vez que me toques com um dedo, soltarei estes animais atrás de mim em cima da tua guarda só para ver quem se sai melhor, e tu e eu descobriremos qual de nós está destinado a morrer às mãos do outro. Achaste que eu era estúpido, hein, Calgus? Pensaste que eu nunca ouviria os rumores sobre a tua traição dos nossos irmãos votadini depois de eles te terem entregado o triunfo da batalha, e que o fizeste pelo facto de o rei deles ter discutido vezes de mais os teus planos? Talvez simplesmente o tenhas feito porque podias? Os meus homens estiveram a um pintelho da vitória no combate com os romanos no vau, com mais de um milhar de cabeças para cortar, até que Martos dos Votadini, um homem deliberadamente traído e deixado por ti para os romanos abaterem, liderou os seus guerreiros contra os meus no momento crucial, e transformou a nossa vitória numa sangrenta derrota enquanto o diabo esfrega um olho! Aparentemente, até os romanos sabem melhor do que tu como tratar um aliado, e ao mesmo tempo que não terei nenhuma confusão com eles, também não me arriscarei a manter amizade contigo nem por mais uma hora. Envenenaste o nosso próprio povo contra nós, grande idiota, e irás pagar por esse erro com o teu próprio sangue, e o da tua tribo!

Com um esgar de troça desdenhosa, virou-se e baixou-se para passar pela entrada da tenda, deixando Calgus a olhar para ele. Uma voz, vinda de trás de si, falou-lhe com suavidade, embora as suas palavras fossem de ferro:

— Tens de o deter, meu lorde. Se ele leva os seus homens para norte, não teremos força suficiente para defender este lugar contra duas legiões, se os romanos atacarem.

Calgus girou para encarar quem lhe falava, com uma feroz expressão de frustração no seu rosto enrugado, antes de concordar resignadamente com o velho. O seu conselheiro era um homem de instinto infalível, apesar de alguns dos seus conselhos terem resultado em mais dificuldades do que inicialmente pareciam existir.

— E o que propões, Aed? Que eu peça ao nosso camarada para ficar? Não farei figura de tolo por nada.

O velho sorriu cortesmente, estendendo os braços e abrindo as mãos.

— Não, meu lorde, estou completamente de acordo. A tua autoridade tem de ser mantida a todo o custo. Eu estava simplesmente quase a sugerir

que deverias ter alguma coisa a oferecer a Drust em troca de ele continuar a apoiar-te.

Calgus franziu o cenho.

— O que poderia eu oferecer aos Venicones que os persuadissem a ficar e a lutar?

— Alguma coisa, meu lorde, que, uma vez que a tens na tua posse há menos de um mês, nunca verdadeiramente lhe sentirás a falta. Alguma coisa que podes sempre ter de volta mais tarde, assim que os brigantes a sul da Muralha se libertarem do jugo romano e engrossarem o teu exército de forma a torná-lo irresistível.

Calgus assentiu lentamente à medida que a compreensão do que Aed queria dizer se materializava.

— Sim...

Apressou-se a deixar a tenda na peugada do chefe venicone.

HOUVE UM LONGO MOMENTO DE SILÊNCIO ANTES DE UM DOS HOMENS DE Martos reaparecer, saído da obscuridade, fazendo aos outros membros do grupo um gesto de avançar. Marcus levou os seus homens através da extensão de terra entre a árvore caída e a muralha de madeira, numa corrida corcovada, encontrando a abertura na paliçada tal como Martos a descrevera, no dia anterior, aos oficiais superiores da legião. As duas extremidades da muralha de madeira estavam sobrepostas, tornando a estreita abertura entre elas quase invisível.

— Se me desse dez homens da primeira fila, eu conseguiria defender aquela pequena abertura contra uma maldita legião...

Marcus olhou sobre o ombro e viu um dos seus homens muito perto atrás de si; a nítida linha branca que lhe marcava o rosto, desde o sobrolho direito até ao maxilar, continuava a ser visível por debaixo da lama que lhe cobria as feições. Ao mesmo tempo que o soldado dificilmente era um dos seus homens mais furtivos, tinha recusado terminantemente que o seu centurião acompanhasse os guerreiros de Martos até às muralhas do inimigo sem que ele próprio fosse um dos que o acompanhasse. Marcus tirou o elmo, entregando-o ao outro.

— Aqui tens, Gilvaz, agarra nisto e torna-te útil. Vou entrar para encontrar Martos. Põe as tuas cordas onde devem estar e prepara-te para guiar a coorte se eu fizer soar o chamamento.

O soldado sacudiu a cabeça com tristeza e resignação.

— Se vais entrar naquele ninho de narizes-azuis com eles... — inclinou o cabeça e o elmo para indicar os guerreiros votadini — ... o melhor é ficares com o mesmo ar do que eles.

Tirou uma pequena trouxa de debaixo da cota de malha, entregando-a a Marcus, que a abriu e se viu com uma massa de cabelos a saltar-lhe para as mãos. Olhou o objeto com um fascínio repulsivo.

— Isto é...

— Está limpo, lavei a pele no rio apenas há uns dias. Põe-no.

Marcus ficou de pele arrepiada quando pôs o escalpe de outro sobre a sua cabeça, deixando que os cabelos pretos e compridos lhe assentassem sobre os ombros. Gilvaz olhou de esguelha na escuridão.

— A tua própria mãe não te reconheceria. Tenta trazê-la de volta, há um soldado na Sexta Centúria que me ofereceu dez *denarii* por ela.

Espremendo-se entre a abertura na paliçada com o gládio na mão, Marcus encontrou os bárbaros ocupados a arrastar o último guarda para o fosso com mais de um metro de fundura que rodeava o acampamento por detrás da paliçada. Martos virou-se para ele com um sorriso amarelo, abanando a cabeça perante a visão de um oficial romano com a cabeleira de outro homem a cobrir-lhe a cabeça.

— Fica-te bem. Talvez devesse ter nascido a norte da fronteira.

Marcus fez deslizar de novo o seu gládio para dentro da bainha e cobriu com a capa o pomo com a cabeça de águia em ouro e prata.

— A paliçada é como estavas à espera?

O bárbaro assentiu.

— Sim. Eu disse que havia saídas preparadas previamente nos quatro lados do acampamento, e lembrava-me perfeitamente da localização desta. A vinte metros da muralha com os madeiros quase cortados rente na base, toda a secção se firmava apenas num ponto sólido e depois fixada na devida posição com traves de madeira para impedir que caísse se algum idiota se encostasse a ela. Retirámos as traves que seguram tudo isto à muralha de cada um dos lados, pelo que a única coisa que os teus homens têm de fazer é puxar com força as cordas e toda a secção cairá e providenciará uma bela e útil rampa para entrar no acampamento. E agora, se estiveres pronto, procuremos Calgus.

Marcus assentiu, olhando em redor para o acampamento adormecido. Na penumbra que antecedia o amanhecer, as tendas da tribo pareciam afastar-se na escuridão, aqui e ali uma fogueira mantida acesa providenciava uma rápida fonte de luz.

— Haverá homens acordados, mesmo a esta hora.

Martos concordou.

— Sim, é certo. Eles sabem que as legiões estão acampadas na planície aqui perto e que podem atacar a qualquer momento, talvez mesmo hoje. Alguns dormirão como cães; outros permanecerão acordados com medo da manhã. Mas caminharemos com confiança até à tenda de Calgus, e os homens que estiverem acordados verão o que esperam ver, o seu próprio povo a obedecer às ordens dos líderes romanos. Vem.

A meia dúzia de bárbaros juntou-se em volta do oficial romano, seguindo Martos quando este se dirigiu a passos largos e confiantes para o centro do acampamento adormecido do inimigo. Caminharam durante cerca de um minuto, obliquando para a esquerda e subindo a inclinação que os afastava da segurança da paliçada, até que Martos ergueu a mão para os deter. Olhou em redor de si e depois abrigou-se na cobertura de uma grande tenda, reunindo os seus homens com um gesto e sussurrando tão baixinho que mal se ouvia:

— Esta é a tenda de Calgus. Haverá guardas à entrada, por isso assim que entrarmos quero silêncio até que todos os que estiverem lá dentro estejam mortos ou amordaçados. E Calgus é *meu*.

Olhou em redor para garantir que todo o grupo tinha entendido na perfeição, depois enterrou a ponta da faca no lado da tenda e baixou-a rapidamente, abrindo uma longa fenda na parede de lona grossa. Marcus foi o primeiro a entrar pelo buraco, de gládio na mão, encontrando o interior espaçoso da tenda difusamente iluminado por um par de candeias de azeite. O único ocupante, uma figura curvada, estava de costas para ele, e saltou para diante em duas passadas rápidas para envolver o braço em volta da boca e do maxilar do homem, abafando qualquer grito de socorro com o tecido da sua capa e a armadura que lhe revestia a manga por baixo da lã grosseira.

— Guardem a porta, e mantenham essa fenda bem apertada.

Os dois guerreiros responderam rapidamente à ordem sussurrada de Martos, protegendo temporariamente a tenda contra uma descoberta casual, e aquele rodeou o prisioneiro até ficar plenamente no campo de visão do velho. Marcus sentiu-o encolher-se diante do olhar duro do príncipe votadini, e redobrou o aperto para prevenir qualquer tentativa de dar o alarme, mas apenas sentiu capitulação na forma como o velho que apertava contra si fez uma ligeira pressão num esforço inútil para escapar ao pesadelo que se desenrolava diante dos seus olhos. Martos levou a faca ao rosto do guerreiro idoso, premindo a ponta na face descarnada.

— Aed. Não que estivesse à espera, mas é um belo início. Vim à procura do teu senhor, mas em vez dele encontro o cabrão velho, azedo e chupado que verte o seu veneno na mente de Calgus. Sem dúvida que foi tua a ideia de abandonar o meu bando no caminho da cavalaria romana depois da luta por Força Branca, posto no caminho deles para ser feito em pedaços, em vingança pelo massacre da coorte deles. E porquê? Para me tirar do caminho, de modo que Calgus ficasse livre para assassinar o meu tio e assumir o controlo do nosso reino. — Pôs a ponta da faca debaixo do queixo do velho, enterrando o ferro aguçado na sua pele flácida até um fio de sangue escorrer pelo pescoço de Aed e desaparecer por debaixo das pregas da sua veste. — E agora, graças a ti, sou um príncipe sem o seu povo. A minha família ou está morta ou a sofrer de tal modo que eu preferiria que estivesse morta. Por isso, não vamos perder tempo com nenhuma das negações habituais, porque, se não me responderes rápida e claramente, abro-te a barriga e ponho-te as tripas de fora para andares por aí com elas durante um bocado. *Calgus*. Onde está ele?

DRUST RIU-SE UMA SEGUNDA VEZ NA CARA DE CALGUS, E OS SEUS OLHOS brilharam com o divertimento.

— Ofereces-me a terra dos Votadini, Calgus? Também me poderias oferecer a Lua, já agora, pelo nada que te custa, e pela possibilidade de eu poder ser capaz de ficar com a terra que ofereces, mesmo se estivesse disposto a aceitar. Se eu quisesse a terra dos Votadini já a teria conquistado há muito, grande idiota. — Virou-se para os seus homens, apontando para a face norte da paliçada defensiva do acampamento. — Precisamos de estar longe daqui antes de amanhecer completamente. Tu, leva uma mensagem até lá acima. A cerca deve estar aberta e o nosso povo pronto para correr para norte. — Voltando-se de novo para encarar Calgus, apoiou ambas as mãos nas ancas. — Os Votadini não são mais do que cãezinhos de estimação dos romanos, Calgus. As mulheres da sua realeza usam joias feitas no Sul e os seus homens usam espadas com gumes mais aguçados do que seriam se tivessem sido forjadas localmente. Se ocuparmos o Dinpaladyr, teremos menos de um mês antes que uma legião marche para norte, desmorne as muralhas da «fortaleza das lanças» com as suas catapultas e nos passe a todos a fio de espada. Os romanos gostam do comércio com os Votadini, e através deles com o resto de vocês, idiotas, e não abandonarão esse dinheiro fácil sem luta. Sendo assim, não, Calgus, ficaste com a terra dos Votadini

e agora podes defendê-la, ou correr e esconder-te quando eles te arrombarem o portão e vierem à procura da vingança. Eu posso fugir agora, para a segurança da minha própria terra por detrás da velha muralha do Norte, e eles deixar-me-ão em paz se souberem o que é bom para eles. Podem até pagar-me tributo para me manter atrás das minhas muralhas e longe do combate. Mas tu, Calgus, tu destruístes-lhes os fortes e chacinaste-lhes os soldados. Podes fugir para os confins do mundo e eles continuarem para sempre a perseguir-te. Então, se eu fosse a ti...

Semicerrou subitamente os olhos ao som dos gritos vindos de detrás do ombro de Calgus. Uma outra voz juntou-se à primeira, e um súbito grito de agonia dilacerou o ar. Drust virou-se e rugiu aos homens reunidos à sua volta:

— Abram a porra da cerca! Está na hora de partir!

O PRIMEIRO GUERREIRO SELGOVAE QUE ATRAVESSOU A PORTA DA TENDA morreu silenciosamente, com a garganta aberta por uma faca de caça empunhada pelo votadini que empurrara na sua pressa de entrar na tenda. Cambaleou três metros na semiobscuridade de tenda, com o sangue a derramar-se-lhe pelo peito e as entranhas a esvaziar-se ruidosamente nas calças de lã grosseira antes de se estatelar ao comprido sobre a vegetação descorada.

— Lorde Calgus! Há romanos no...

O segundo homem ainda nem tinha atravessado completamente a extensão erguida da aba, a gritar ferozmente que fora dado o alarme, quando o assassino do primeiro guerreiro lhe espetou a espada curta na barriga e a fez sair pelo flanco, derramando o cordão escorregadio das suas tripas e arrancando-lhe um ruidoso grunhido de dor da boca contorcida enquanto caía sobre os joelhos. Martos encolheu os ombros diante do rosto pálido do velho.

— Está na hora de irmos. Solta-o, Marcus.

Aed mal teve tempo de se dar conta da súbita corrente de ar fresco na cara quando o romano recuou, erguendo o braço e empurrando-o para a faca de Martos, antes que uma súbita dor ardente lhe atravessasse o corpo. Baixando os olhos com horror, viu a lâmina da arma que Martos empunhava com destreza a sair-lhe da barriga, cambaleando com o súbito choque enquanto o príncipe votadini puxou a arma até ao baixo-ventre antes de a retorcer selvaticamente e a soltar, limpando o ferro ensanguentado na sua

roupa. Um jorro de sangue esguichou do ferimento, empestando o ar com o seu odor metálico, que se sobrepôs ao cheiro a excremento, e o velho ajoelhou-se e dobrou-se em dois, dilacerado pela dor da ferida.

— Morre, Aed. Morre lentamente.

Fez um gesto na direção do buraco nas traseiras da tenda, curvando-se para pegar numa pequena caixa de madeira que estava pousada aos pés da cama de campanha de Calgus e, levantando a tampa para espreitar, inclinou o pequeno cofre para mostrar o conteúdo a Marcus.

— Eu deveria ter imaginado. Nada a não ser papel. Suponho que a correspondência privada de Calgus possa ter algum valor, pelo menos para dar ao teu tribuno alguma coisa para ler quando a luta terminar...

Atirou o baú para um dos seus homens, e o pequeno grupo saiu para a luz pálida do amanhecer pela abertura ao fundo da tenda, e Marcus fez rapidamente o balanço da situação com a absoluta certeza de que, se a presença de um oficial romano no acampamento inimigo fosse conhecida, ficariam cercados por todos os lados em segundos. Em torno deles, havia guerreiros a rastejar de dentro das suas tendas e a correr para as suas armas, ainda sem consciência dos intrusos no meio deles, mas apenas a segundos de fazerem essa descoberta.

— Agora não há tempo para vagares e silêncios! Sigam-me!

Desembainhou o gládio e desatou a correr sem parar pelo caminho entre as tendas, acelerando em direção à paliçada onde os seus homens estavam à espera, com Martos e os seus guerreiros no seu encalço. A tosca cabeleira que tinha disfarçado as feições do romano caiu, revelando o seu cabelo escuro cortado rente, e o guerreiro ainda a pestanejar de sono que surgiu no seu caminho abriu a boca de espanto, inclinando a cabeça para trás para dar o alarme ao mesmo tempo que o gládio de Marcus lhe cortou a garganta antes de um dos guerreiros de Martos o carregar ao ombro para um dos lados de outra tenda sem reduzir a marcha. Um coro de gritos seguia-os agora, alertando os homens à frente deles, apesar de o motivo da algazarra ser ainda pouco claro. Guerreiros de olhar turvo rodaram o pescoço, instintivamente buscando as armas enquanto procuravam a origem do tumulto.

Martos pôs-se a par do centurião, retesando cada músculo do seu magnífico físico enquanto calcava pesadamente o solo ao lado do homem que fora seu inimigo apenas uns dias antes. Um grupo disperso de guerreiros selgovae estava a juntar-se no meio do caminho deles, sopesando as armas e preparando-se para a luta quando os intrusos carregaram na sua direção.

Marcus lançou o gládio para a mão esquerda e desembainhou a *spatha* enquanto corria, fazendo cintilar a comprida lâmina e fazendo crescer um grito de desafio ao mesmo tempo que disparava para o meio deles, desviando um dardo com a longa espada de cavalaria e baixando-se sob o golpe balanceado de uma lâmina antes de fazer o dono da espada dar uma reviravolta com a perna cortada pelo joelho, girando para a esquerda num duplo faiscar de ferro afiado. Martos igualou a ferocidade do seu ataque, abrindo caminho por entre os selgovae com tal fúria que pôs os guerreiros em fuga, com os seus homens aglomerados à sua volta para proteger o seu príncipe a todo o custo. Um guerreiro desferiu um golpe contra Marcus, agarrando a pesada espada com ambas as mãos, mas a lâmina resvalou na *spatha* inclinada ao mesmo tempo que Marcus girava sobre o braço direito, invertendo a pega da mão esquerda no gládio de punho encimado pela cabeça de águia e impelindo assim mesmo a lâmina curta por entre as costelas do homem, antes de girar novamente, soltando a lâmina e derrubando outro guerreiro com um violento golpe baixo da *spatha*, que lhe cortou os tendões de ambos os joelhos. Dois outros guerreiros acorreram à luta, e Marcus virou-se para os enfrentar, sobressaltando-se quando um dardo lhe silvou junto da cabeça e atacando o mais próximo dos dois, que revirou os olhos de tal modo que apenas se lhe via o branco. O outro balançou a espada em posição de ataque, mas apenas cambaleou quando uma flecha passou pelo aglomerado dos votadini e se lhe afundou na garganta. Um firme puxão no pescoço da sua armadura afastou o jovem centurião da luta, enquanto os quatro bárbaros sobreviventes e os próprios homens de Marcus formavam uma estreita linha contra a massa de guerreiros selgovae enfurecidos que se avolumava. Qadir e os seus dois camaradas hamateus atiravam flechas com uma velocidade e uma precisão que, por enquanto, derrubavam os guerreiros tribais que se vinham juntar aos irresolutos guerreiros que enfrentavam um número inferior de romanos. Gilvaz fez um sorriso de desculpa quando o seu oficial rodou para o encarar, recuando um passo para olhar o rosto de Marcus.

— Não há tempo para isso, Centurião, a cerca está a vir abaixo...

Com um rangido estridente de madeira a despedaçar-se, a secção da paliçada com seis metros de comprimento que Martos identificara à entrada separou-se do resto da muralha e tombou. Quando a poeira levantada pela queda assentou, Marcus viu os homens que a tinham arrastado largarem as cordas e pegarem nas armas, formando em segundos uma linha ininterrupta de escudos. Um centurião esguiu coxeou para diante dela,

apontando com a espada e bradando uma ordem numa voz que atroou ao longo de todo o acampamento dos bárbaros:

— *Tungros, avante!*

CALGUS OLHOU O ACAMPAMENTO COM CRESCENTE CONSTERNAÇÃO, OUVINDO o zurrar das cornetas que ele sabia dever pressagiar um ataque das legiões. Com um súbito relampejar de fogo no alvor avermelhado do céu, meia dúzia de vasilhas de fogo ardente descreveram um arco elevado sobre a muralha sul do acampamento, atingindo o chão com uma chuva de fagulhas ao estilhaçarem-se para derramar o seu conteúdo de líquido em chamas e incendiando instantaneamente homens e tendas. Por detrás dele, Drust sorriu deliberadamente, pouco surpreendido com este rumo dos acontecimentos.

— Os romanos estão no interior das tuas muralhas, Calgus. O teu jogo *acabou*.

Fez sinal ao maior dos seus guarda-costas, batendo na nuca. O homem deu dois passos para diante antes de atingir Calgus atrás da orelha com quanta força conseguiu reunir, e o embate do seu punho maciço fez tombar o desprevenido líder tribal no chão, deixando-o a contorcer-se e praticamente inconsciente.

— Bom trabalho, Maon, agora ata-lhe os braços e as pernas, e põe-lhe uma mordaza. Pode revelar-se uma útil base de negociação para ter no interior das nossas muralhas, caso os romanos nos forem bater à porta. — Desviou os olhos do cenário de caos. — Agora, vamos para longe daqui, antes que as legiões fechem a abertura na cerca norte e nos preguem aos seus escudos.

Os guerreiros que o rodeavam viraram-se à sua ordem e subiram o suave declive em direção à cerca norte do acampamento, com a sua linha de troncos de árvore agora arruinada por uma abertura equivalente à que os romanos tinham aberto ao fundo do declive para leste. Drust olhou em redor e deparou com a figura do seu criado privado a precipitar-se para a tenda do rei, claramente tentando resgatar o que houvesse de mais precioso entre os pertences do seu amo. Sorriu silenciosamente para si mesmo perante a evidente pressa do homem.

— Muito esperto, homenzinho. Noutras circunstâncias, arrancar-te-ia a pele dos tomates.

Afastou-se, confiante de que o seu criado sairia do acampamento com

a retaguarda do bando, e correu para a brecha na paliçada, com a intenção de se assegurar de que não seria feita nenhuma tentativa de fechar a abertura da cerca antes de os seus homens passarem todos por ela, pondo-se a salvo na floresta. Atrás dele, na tenda do rei, e invisível para as centenas de homens que fluíam pelo declive do acampamento, o escravo ajoelhou-se e começou freneticamente a amontoar os pertences mais queridos do seu amo num saco de pele de cabra. Estava a chegar ao objeto mais importante entre todos quando um projétil de balista, disparado cegamente sobre a paliçada do acampamento pela artilharia da legião que apoiava o ataque, penetrou a lona da tenda e despendeu a sua energia letal no seu corpo, trespassando-lhe o coração e cobrindo a parede do fundo com um borriço vermelho de sangue arterial. Com a visão a esvaír-se, o criado agonizante estendeu uma mão para tocar o anel de ouro brilhante, depois imobilizou-se, e a sua última recordação consciente foi o frio letal do ferro do míssil que o transfixara.

MARCUS E OS SEUS HOMENS SAÍRAM DO CAMINHO DO AVANÇO DOS TUNGROS, e a centúria da frente da coorte passou por eles, entrando no baluarte do inimigo, com soldados a correrem decididamente para ambos os extremos da linha da centúria a fim de alargar a parede de escudos e prevenir um contra-ataque bárbaro tão rapidamente quanto possível. A 2.^a Centúria da coorte seguiu-os e guinou para a esquerda, e o centurião no comando disparou um rápido sorriso a Marcus quando passou a vociferar ordens aos seus homens, a 3.^a Centúria virando para a direita. À medida que a linha da coorte ganhava força, as suas lanças relampejavam fora dela para matar os guerreiros que não tinham conseguido retirar diante do avanço implacável. Mais centúrias fluíam através da brecha na paliçada, espalhando-se para ambos os lados a fim de fortalecer a posição no acampamento inimigo, e Marcus saudou o primeiro lanceiro da coorte, trocando um aperto de mãos quando o outro saltou do declive formado pela paliçada da madeira para o chão.

— Acho que nunca gostei tanto de ver a sua cara!

O seu oficial superior sorriu, fazendo sinal para se afastarem quando uma outra centúria galgou pesadamente a rampa de madeira formada pela paliçada tombada e se apressou em direção à luta. Rufius, o amigo e irmão oficial de Marcus, piscou-lhe o olho ao apontar para o declive com a sua vara de vime, gritando à 6.^a Centúria para formar em linha com um brado que os seus vinte e cinco anos de serviço na legião, completados antes de se ter juntado aos Tungros, tornara rouco. O queixo do primeiro lanceiro

Frontinius sobressaía por entre as proteções laterais do elmo enquanto olhava o acampamento bárbaro, vendo o mar de tendas bárbaras pegar fogo com as labaredas propagadas pelas vasilhas lançadas sobre a paliçada pela artilharia da legião, enquanto a luz tremente do incêndio iluminava os guerreiros inimigos que se juntavam para enfrentar os seus atacantes.

— Um belo trabalho, Centurião Corvus! Agora acabamos com estes cabrões de cara-azul de uma vez por todas. Os teus rapazes estarão aqui não tarda. Leva-os para a esquerda, sobe a colina e estabelece a ligação com o flanco esquerdo da centúria que foi à vossa frente. Entretanto, os nossos lenhadores tornarão esta brecha na cerca suficientemente grande para que até os calceteiros da Sexta Legião se sintam a salvo por se juntarem a nós. Ah, aqui está a tua centúria...

Apontou para o espaço vazio atrás de si, entre a floresta e a paliçada, e Marcus seguiu o braço estendido e viu a sua 9.^a Centúria surgir no campo de visão, com o seu oficial da guarda zarolho a marchar ao lado dos soldados com Qadir, que empunhava o bordão com embutidos metálicos do escolhido, enquanto Morban, o veterano porta-estandarte de Marcus, vinha na frente. Marcus saudou o primeiro lanceiro, depois correu ao encontro dos seus homens, retribuindo a saudação do oficial da guarda e vociferando ordens aos homens à sua volta enquanto Qadir endireitava o seu bordão e se posicionava no seu lugar habitual à retaguarda da centúria.

— Bom trabalho, Ciclope! Aos vossos lugares, meus senhores, vamos virar à esquerda e avançar até à muralha mais interior até estabelecer contacto com a centúria à nossa direita, depois ocupamos o nosso lugar à esquerda deles e continuamos a avançar a seu lado!

Acorreu à cabeça da centúria, retribuindo a saudação do porta-estandarte e gritando por cima do estalar das cardas e do chocalhar do equipamento enquanto subiam pela rampa de madeira formada pela paliçada tombada.

— Morban, leva-os para a esquerda! Sobe a colina!

O porta-estandarte lançou-lhe um rápido gesto de assentimento, depois gritou por sobre o ombro para o corneteiro magricela que marchava atrás dele:

— *Sopra!*

A nota áspera da corneta fez a centúria empinar a cabeça, e Morban inclinou o estandarte para a esquerda. Marcus tomou posição à frente da centúria em marcha, virando-se para encarar os soldados e erguendo bem alto o gládio e apontando com ele para a esquerda.

— *Sigam-me!*

Saltou da rampa de madeira, observando os soldados em marcha, enquanto Morban os fazia saltar do desnível de trinta centímetros e levava pelo declive acima para a esquerda. Contento por terem conseguido fazer a viragem com sucesso, virou-se, encheu o peito de ar e subiu o declive em corrida esforçada, passando pelas fileiras da frente da coluna da centúria e continuando para cima ao longo da colina. Ignorou o facto de que o Ciclope tivesse saído da fila para correr a seu lado enquanto ele procurava, através da fumarada que se levantava, a centúria que os antecederia, sabendo que nada que pudesse dizer diminuiria o instinto protetor do homem em relação ao seu oficial. Movendo-se com dificuldade através da exalação que flutuava lentamente ao longo do caótico campo de batalha, chegou de repente a uma zona de ar limpo e parou, horrorizado com a cena que se desenrolava diante de si. Centenas de guerreiros bárbaros assaltavam a centúria que avançara pela colina apenas momentos antes, cujos soldados tentavam estabelecer desesperadamente uma ação defensiva, mas sem hipóteses, enquanto os inimigos enfurecidos martelavam contra a sua vacilante parede de escudos, fazendo um soldado após outro tombar na lama espezinhada para ser morto a golpes de espada e de lança pela horda furiosa. Enquanto olhava, o centurião da outra centúria, irreconhecível por entre a fumarada em movimento, pôs-se na linha da frente com um brado de desafio e começou a lutar pela sobrevivência da sua centúria. Sem mesmo ter consciência disso, um grunhido de angústia brotou-lhe da garganta ao ver o seu irmão oficial a lutar pela vida, e agarrou o punho da sua *spatha*:

— *Não!*

Marcus virou-se e deparou com o único olho do seu oficial da guarda ferozmente determinado.

— Não vale a pena perderes-te. Leva os rapazes para lá e tira aqueles pobres diabos do fogo, os que restam.

Ele assentiu, vagarosamente, desviando o olhar do massacre dos seus camaradas. Quando falou, a sua voz engrossara com nova determinação:

— Volta para os teus homens, Ciclope.

Voltou a descer a encosta a correr através do fumo com a cabeça a trabalhar rapidamente, quase caindo sobre Morban, no meio do negrume.

— Mais vinte metros e põe-nos em linha para a direita, de frente para a colina. Nada de cornetas!

O porta-estandarte assentiu e disparou colina acima, enquanto Marcus

puxava um soldado das fileiras em marcha e lhe vociferava uma ordem ao ouvido:

— Corre de novo até lá abaixo e procura o primeiro lanceiro. Diz-lhe que uma centúria está a ser feita em pedaços aqui e que precisamos de reforços urgentemente, agora! *Vai!*

Empurrou o soldado com força pela encosta abaixo, depois virou-se novamente para a coluna em marcha. Morban, que se via por entre o fumo, empunhava o estandarte na horizontal sobre a cabeça com a pega de metal apontada para a sua direita.

— Gilvaz! Garante que eles viram!

O soldado veterano fez uma saudação rápida e correu para se ir colocar ombro a ombro com Morban, pronto para permanecer firme assim que o porta-estandarte virasse no ângulo certo para pôr a 9.^a em linha frente ao inimigo, em vez de arriscar-se a encontrá-lo ainda vulneravelmente disposto em coluna de marcha. A linha virou abruptamente à direita, seguindo o estandarte sem perceber bem o que estava a acontecer. E ainda bem, pensou Marcus, dado que estariam frente ao inimigo em menos de um minuto. Avançou ao lado do seu segundo na cadeia de comando, apontando para lá dos soldados em marcha, para a colina envolta em fumo.

— Qadir, há centenas de bárbaros a menos de cem metros nesta direção, e já despedaçaram uma centúria. Quando sairmos desta maldita fumarada, vão atirar-se a nós como cães sobre carne crua, por isso dá-me o teu bordão e preparem os arcos, tu e os teus camaradas. Qualquer um que pareça ser importante, alguém que exhiba um monte de ouro ou que esteja a gritar ordens bem alto, abatam-no.

O alto hamateu passou-lhe o bordão incrustado de metal com quase dois metros de comprimento, removendo o arco por cima dos ombros e vociferando uma ordem em aramaico à cerca de uma dúzia de hamateus que marchavam nas fileiras da 9.^a Centúria. Marcus olhou ao longo da linha da centúria, esperando alguns segundos para permitir que os últimos soldados da coluna virassem, depois inspirou para gritar as suas ordens:

— Nona Centúria, alto!

A coluna estacou com um último batimento dos pés, com os soldados a tossir e a respingar ao respirarem o fumo denso oriundo dos fogos que rapidamente se propagavam.

— Esquerda... olhar em frente! Formar linhas de batalha!

Esperou que os soldados endireitassem as suas linhas, os da fila da frente ergueram os escudos e sopesaram as espadas, os de trás aglomeraram-se

perto dos homens diante deles, prontos para os agarrar pelo cinto e mantê-los firmes assim que a luta começasse.

— Nona Centúria...

A voz de Marcus atou sobre a curta dupla linha, com a algazarra da batalha à direita deles abafada pelo fumo e o rugido distante da lona a arder.

— Quando marcharmos para diante, iremos logo deparar com os restos de uma das nossas centúrias irmãs. Foi surpreendida em linha de marcha e nunca teve qualquer hipótese de resistir aos bárbaros. Vocês, contudo, estão prontos para lutar, armados e couraçados, ensinados e treinados até à perfeição. Qualquer um de vós vale por uma dúzia desses cabrões de nariz-azul. Por isso vamos avançar e encontrar os homens que mataram os nossos irmãos e mataremos tantos quanto for possível antes de chegarem os reforços. A passo, *avançar!*

A centúria começou a mover-se para diante com um só homem, e ao mesmo tempo que Marcus tinha o bordão de Qadir pronto para empurrar entre os ombros qualquer homem que ficasse para trás, rapidamente percebeu que não iria precisar dele. Avançaram dez, vinte metros, sem que o sujo fumo cinzento que lhes provocava lágrimas nos olhos e falta de ar nos pulmões desse mostras de terminar, e então, num abrir e fechar de olhos, estavam de volta ao ar fresco do amanhecer com a visão do massacre da outra centúria diante deles.

A encosta estava salpicada de cadáveres que envergavam o mesmo equipamento que os seus homens usavam, o cinzento baço do ferro das armaduras contra a lama espezinhada do acampamento dos bárbaros. Alguns dos soldados caídos ainda se mexiam, com ferimentos suficientemente graves para os deixar impotentes, mas não o suficiente para os ter matado imediatamente. Entre eles andava meia dúzia de bárbaros, de espadas negras do sangue que tinham feito derramar, e, quando Marcus olhou, o que estava mais perto levantou a sua lâmina pronto para despachar mais um ferido. Qadir ergueu o arco e, com um som vibrante da corda, alvejou-lhe o pescoço com uma flecha, que o fez cair a sufocar e a espernear ao lado da vítima pretendida.

Dois bárbaros que estavam mais próximos do guerreiro moribundo levantaram os olhos, surpreendidos pela súbita agitação, ficando a olhar boquiabertos a 9.^a Centúria inesperadamente saída do fumo, até mesmo quando os outros hamateus os abateram com uma rapidez e precisão que rivalizavam com a de Qadir. Obrigando-se a ignorar os tungros mortos e moribundos espalhados pelo chão diante de si, Marcus abriu caminho

através da linha de batalha da centúria e olhou em redor em busca de algum sinal dos bárbaros que tinham massacrado os seus camaradas de armas apenas uns minutos antes. O fumo redemoinhou novamente com a suave brisa matinal, proporcionando-lhe um vislumbre da luta que tinha lugar no sopé da encosta, para a direita. A linha dos tungros estava agora plenamente envolvida no combate, debatendo-se para sustentar um número de guerreiros inimigos três vezes superior ao seu, que se arremessava contra a parede de escudos com a fúria desesperada de homens que sabiam que se não conseguissem romper através dos soldados era como se estivessem mortos. Antes de a cortina de fumo voltar a fechar-se, percebeu com um choque de repugnância o que era o que os bárbaros tinham empalado nas pontas das suas lanças e acenavam para baixo e para cima diante dos soldados tungros. Virou-se de novo para os seus homens de olhos a coruscar e contraindo os músculos na região do maxilar numa tentativa de conter a sua raiva.

— Nona Centúria, rodar à direita!

Suspendeu a respiração por um longo momento enquanto a centúria rodou pesadamente um quarto de volta para ficar de frente para a encosta. Os hamateus estavam perdidos na manobra, ainda novatos nas disciplinas do combate de infantaria após terem escolhido juntar-se à centúria havia menos de uma semana, mas os homens em torno de cada um deles foram-nos puxando e empurrando suavemente de modo a acompanharem a reorientação da linha, com mais do que uma palavra de simpatia ou palmada no ombro para homens que, apenas alguns dias antes, tinham sido desdenhados como não sendo mais do que um fardo para a coorte. Marcus sorriu para si mesmo, apesar da sua fúria, reconhecendo a justificada mudança de estatuto. A batalha no baixio do Rio Vermelho proporcionaria isso numa tarde desesperada e sangrenta durante uma aparentemente condenada resistência ao assalto da tribo Venicone.

Ao fim de um minuto, todos estavam alinhados com a direção da qual um crescente alarido de batalha lhes chegava através do fumo, e os soldados olhavam-no com ansiedade ao longo das fileiras quando ele tirou as duas espadas do seu lugar do cinto, de rosto fechado com determinação. Morban, que deixara de ser o eixo da viragem à direita, correu para o seu lugar por detrás da linha, imediatamente atrás do ponto de ataque, com o corneteiro no seu encaixe. Marcus elevou a voz, contraindo-se em antecipação do ataque.

— Nona Centúria, o vosso inimigo está mesmo ali, escondido no fumo. Percebeu que alguns soldados traduziam as suas palavras para os que ali em volta não dominavam suficientemente o latim para seguir as suas palavras

iradas. — Quando eu der ordem, marcharemos pela encosta até os avisarmos. Não estar suficientemente próximos para poderem sentir o cheiro da merda que lhes vai escorrer pelas pernas abaixo quando nos virem sair do nada nas suas costas. — Uns quantos homens riram-se, e o deleite do combate iminente era evidente nos olhos arregalados e narinas dilatadas. O resto estava, na sua maioria, a labutar para conter os nervos com a batalha apenas a segundos de distância. Marcus fez sinal ao corneteiro, que tocou a avançar com força e clareza.

— Nona Centúria, avançar!

Quando as duas linhas de soldados começaram a descer a encosta, Gilvaz atirou um dos seus dardos ao homem que estava atrás dele.

— Passa-me isto para a frente quando eu tiver espetado o primeiro nas costas de um destes sacanas, e certifica-te de que está a jeito assim que eu tiver lançado este, ou vamos ter uma curta e muito interessante discussão logo que tivermos resolvido o assunto com estes cabrões de cabelo comprido. — Os homens em volta dele não conseguiram deixar de sorrir, divertidos como sempre ficavam pela sua mistura de estilo bombástico e obstinada determinação. Sem tirar os olhos do terreno na sua frente, o soldado veterano, com um ruidoso arranco, escarrou para as ervas. — O resto de vocês, parem lá de sorrir e tenham a porra dos dados prontos para lançar!

Trinta metros abaixo, a centúria teve o primeiro vislumbre do inimigo através de uma brecha momentânea no fumo. A massa de guerreiros pressionava com mais vigor a linha dos tungros do que anteriormente, com o propósito claro de cansar os soldados em dificuldade pelo puro peso do seu número, e o domínio da coorte sobre a sua posição no interior do acampamento dos bárbaros tinha-se visivelmente reduzido desde o último olhar rápido de Marcus. Ao fim de mais dez metros, os guerreiros enraivecidos ficaram ao alcance dos dardos da centúria, que permanecia indetetada. Marcus ergueu a sua espada, e depois baixou-a. Fossem quais fossem os sentimentos do corneteiro, os seus pulmões pareciam não ter sido afetados e uma nota bem sonora do seu instrumento ressoou pelo campo de batalha, captando a atenção dos guerreiros inimigos. A fila da frente da 9.^a Centúria rugiu em desafio, sacudindo os dardos aos bárbaros surpreendidos, e Marcus ergueu a espada novamente.

— Dardos...

Os homens da fila da frente inclinaram-se para trás, estendendo para diante o braço esquerdo para se equilibrarem ao mesmo tempo que puxavam os dardos atrás até a sua ponta de ferro estar nivelada com os seus

elmos. Gilvaz virou a cara e beijou o ferro frio, sentindo o gume irregular da lâmina no seu lábio inferior, depois fixou o olhar num guerreiro a vinte metros de distância, na retaguarda do bando bárbaro.

— Lançar!

A fila da frente deu, em simultâneo, dois passos em frente, expirando ruidosamente quando arremessarem as suas armas aos guerreiros inimigos.

— Dados... *lançar!*

Tomando, com um movimento do braço, os segundos dardos dos homens atrás de si, os soldados arremessaram-se de novo para diante, e desferiram uma segunda saraivada para a retaguarda dos bárbaros. Dúzias de inimigos estavam agora fora de combate, alguns estendidos no chão, outros de joelhos ou mantidos de pé, comprimidos pela quantidade.

— *Formar linha!*

A centúria voltou a formar em linha em segundos, fitando o inimigo enquanto uma onda de confusão grassava entre os bárbaros.

— *Espadas!*

A fila da frente desembainhou as suas espadas curtas, fazendo relampejar um pálido brilho no alvor da madrugada. Marcus apontou a espada aos guerreiros inimigos, elevando a voz até a transformar num rugido:

— *Atacar!*

Gilvaz fez pontaria com a espada ao bárbaro que decidira matar em primeiro lugar, gritando em desafio:

— *Venham daí, cabrões!*

Saltou pela colina abaixo, e os homens à sua direita e à sua esquerda uivaram os seus próprios gritos de batalha, enquanto carregavam, cada um à sua maneira, fazendo embater os escudos na cara dos bárbaros e espetando os seus gládios nas suas entranhas, antes de os outros terem hipótese de recuperar do golpe. Levados pela recente experiência de batalha com as tribos, e sabendo o que inevitavelmente se seguiria, a fila da frente juntou os escudos para formar uma parede defensiva, enquanto os da fila de trás se aproximaram e os agarraram pelo cinto, firmando-os contra o assalto que viria. Com um rugido de fúria, o bando guerreiro lançou-se contra a defesa deles, martelando os escudos e os elmos com espadas e lanças à medida que recuperavam do choque e se atiravam à nova ameaça.

O TRIBUNO LICINIUS ESPOREOU O SEU CAVALO PARA DIANTE, AO LONGO DA linha formada pela coluna da 20.^a Legião, ao encontro dos seus batedores

montados, que cavalgavam na sua direção, vindos da face norte do acampamento bárbaro. A sua ala de cavalaria estava espalhada ao longo das centenas de metros por detrás dele, ainda a abrir caminho através da floresta que rodeava o acampamento, ao longo de um tortuoso trilho de caça que fora reconhecido como uma via de aproximação nos dias que se tinham seguido ao quase desastre do Rio Vermelho. Enviar meia legião pelo trilho tinha sido uma medida necessária, dado que era necessário a infantaria pesada chegar ao acampamento e derrotar o bando para que a cavalaria pudesse segui-la e perseguir quaisquer sobreviventes, mas a falta de pressa na marcha de aproximação pusera a sua paciência à prova para além dos limites. O cavaleiro da frente refreou o seu cavalo suado junto ao magnífico cavalo cinzento do prefeito, e havia urgência na sua voz quando saudou o seu superior e se lançou numa descrição do que estava a acontecer na cabeça da coluna:

— A paliçada norte foi aberta a partir de dentro, Prefeito, e há um bando guerreiro a correr para norte com a dimensão de uma tribo inteira. Vimos a sua retaguarda encaminhar-se para o interior da floresta, pelo menos uns mil homens, e pareciam ser Venicones.

Licinius assentiu, pensando rapidamente.

— Esses cabrões tatuados devem ter decidido abandonar a guerra de Calgus ainda antes de o ataque ao acampamento se tornar evidente. E o que há sobre a legião?

O decurião abanou a cabeça com desdém.

— Demasiado lenta e demasiado tarde, é o que me parece, Tribuno. As coortes da frente estão a desperdiçar tempo a formar no terreno aberto entre a floresta e a paliçada, sem qualquer sinal de que tencionam avançar mais, em breve.

A fúria de Licinius transbordou.

— *Comigo!*

Incitou o seu cavalo cinzento ao longo da linha de soldados, seguido pelo seu corpo de guarda, à procura do grupo de homens que representava a ponta da lança que a 20.^a Legião era.

— Tribuno Laenas, posso perguntar que raio de porra você pensa que está a fazer?

O segundo na cadeia de comando da legião, um tribuno cuja túnica ostentava a larga faixa púrpura da classe senatorial romana, e um homem pouco habituado a que o seu julgamento fosse questionado, afastou-se de um grupo de velhos centuriões de coorte de ar frustrado com uma

expressão de incredulidade, mal abrindo a boca para rosar uma resposta, que lhe morreu na garganta ao ver quem lhe estava a fazer a pergunta.

— Ah, Tribuno Licinius, estávamos só, ah, a certificar-nos de que estava tudo preparado antes...

Licinius passou por cima da vaga explicação com o desrespeito pelas boas maneiras de um patrício, aproximando-se mais e falando num tom calmo, mas feroz:

— O que parece, Tribuno Laenas, é que vacila perante a luta. Esses senhores à sua volta sabem que o tempo para atacar era enquanto os bárbaros ainda estavam em fuga para a floresta. Uma vez que a minha idade avançada consegue distinguir com clareza o ruído da batalha que vem do lado de dentro daquela paliçada, sugiro que ponha as suas coortes a marchar pela abertura que aqueles canalhas de nariz-azul fizeram na cerca e as ponha em ação. Isto é, se não quer ser dispensado e censurado pelo governador por falta de empenho. E deixe-me tornar isto muito claro; se os seus soldados não saírem do meu caminho muito rapidamente, conduzirei a minha cavalaria entre eles e, se necessário for, por cima deles. Há um bando venicone em fuga enquanto estamos aqui parados a perder tempo, e tenciono certificar-me de que o menor número possível consiga fugir, se tirar os seus homens do meu caminho.

Voltou a endireitar-se sobre a sela, de sobrolho erguido. Laenas engoliu em seco, depois virou-se de novo para os seus oficiais:

— Ah, meus senhores, vamos avançar para o acampamento inimigo e juntar-nos à batalha imediatamente.

O centurião da legião mais velho assentiu vivamente e o seu sorriso dizia tudo quanto ao seu gosto pela intervenção do oficial de cavalaria.

— Marcha dupla, Tribuno?

Laenas engoliu e assentiu.

— Isso mesmo. Marcha dupla, Primeiro Lanceiro Canutius.

— É UMA BOA COISA QUE TENHAMOS A VANTAGEM DA ENCOSTA!

Qadir assentiu em resposta ao comentário vociferado por Marcus. A centúria estava a começar a ficar cansada, a fila da frente a ficar mais interessada em manter-se de pé e a afastar as lanças dos bárbaros do que em levar o ferro até ao inimigo, que por sua vez esgotara o primeiro ardor de fúria e atacava com menos vigor do que anteriormente. Uma corneta ressoou pelo acampamento envolto em fumo desde a paliçada norte, e a primeira fila de

uma coorte da legião apareceu à vista através de uma abertura da cerca norte do acampamento. Marcus disparou um olhar carregado aos legionários que se aproximavam.

— Já não era sem tempo.

Qadir abanou-lhe o ombro, apontando para a linha dos tungros.

— Olha!

Novos soldados estavam a penetrar pelo espaço por detrás da coorte dos tungros, movendo-se rapidamente para reforçar a linha deles, que perdia firmeza.

— É a Segunda Coorte. O Primeiro Lanceiro Neuto nunca nos iria deixar na m...

Marcus deteve-se a meio da frase, de olhos subitamente presos num objeto que estava a ser agitado sobre as cabeças dos bárbaros, a uma dúzia de metros da linha da centúria. Qadir apercebeu-se do seu olhar e olhou também para ver o que lhe chamara a atenção. Era uma cabeça, ainda com o elmo emplumado que denotava o seu posto de centurião, obviamente separada do seu corpo e empalada na ponta de uma lança como um cruento troféu com que os romanos poderiam ser provocados. Enquanto Qadir olhava, o rosto de Marcus empalideceu de raiva, e os olhos semicerraram-se em cálculo. Virou-se para o hamateu, apanhando do chão um escudo caído, com um tom de voz glacial quando se voltou para encarar a multidão ululante que injuriava a centúria:

— Atira para a minha direita, e mantém-te a atirar.

Adivinhando o que estava à beira de acontecer, Qadir estendeu uma mão para conter Marcus, mas este foi demasiadamente rápido para ele, abrindo caminho por entre os atónitos soldados da fila de trás e colocando-se na linha da frente ao lado de Gilvaz. Detendo um golpe de espada com o escudo, avançou e introduziu o gládio na garganta do guerreiro enquanto este se debatia para soltar a sua lâmina da superfície de madeira pintada, virando-se para trás para lançar um olhar vazio aos soldados de olhos arregalados.

— Protege a minha esquerda.

Virou-se e avançou para a formigante massa de guerreiros, abatendo um homem à sua direita e bloqueando um outro golpe de espada à sua esquerda com o escudo, e gritando uma breve ordem por sobre o ombro:

— *Qadir! Atira para a minha direita!*

O hamateu sacudiu o espanto de ver o seu centurião arremessar-se para o meio da massa de inimigos e gritou uma ordem na sua língua.

— *Hamateus, a mim!*

Prendendo uma flecha e libertando-a num movimento fluído, trespassou com a sua ponta de ferro a garganta de um guerreiro que se posicionava para enterrar um machado no elmo de Marcus. Enfiando profundamente o seu gládio no peito de um outro bárbaro e sentindo a lâmina resistir a soltar-se do apertado ferimento, o jovem centurião largou o punho ornamentado da arma sem hesitar, aplicando um pé no guerreiro agonizante e fazendo-o recuar para cima dos homens por detrás dele. Agarrando no machado do guerreiro tribal, que cambaleou para trás com a flecha de Qadir enterrada na garganta, ergueu o escudo e arremessou-o horizontalmente para o inimigo que se comprimia, derrubando mais um dos homens virados para ele com a garganta cortada, levantando depois o machado com ambas as mãos e recompondo-se para atacar de novo. Nesse mesmo instante, um outro hamateu veio pôr-se ao lado de Qadir, removendo o arco do seu lugar a tiracolo e alcançando uma flecha com a mesma graça inconsciente com que o escolhido exercia a sua arte. Gastando apenas uma fração de segundo na escolha de um alvo, enviou o míssil para o meio da confusão em torno do seu centurião com uma velocidade quase irrefletida que, não obstante, pôs a cambalear para trás outro dos homens que encravavam Marcus numa nuvem de salpicos do seu próprio sangue. No mesmo instante, Gilvaz sacudiu o seu pânico momentâneo, lançando uma ordem furiosa aos soldados da primeira fila à sua esquerda ao mesmo tempo que avançava para o meio dos bárbaros.

— *A mim, canalhas!*

Embatendo com o escudo para bloquear um dardo apontado às suas pernas, enterrou a lâmina da sua espada na garganta do bárbaro e torceu o punho, abrindo-lhe o pescoço numa chuva de sangue quente que salpicou a meia dúzia de homens que tinha avançado para a massa dos bárbaros juntamente com ele. Erguendo os olhos, ficou momentaneamente de boca aberta com a visão do seu oficial a arremessar o escudo para a meio dos bárbaros e agarrar um machado com as duas mãos antes de se lançar aos guerreiros à sua volta com um grito incoerente, claramente devorado pela fúria. A velocidade e a ferocidade da sua investida abriu uma clareira no coração do bando à medida que os guerreiros se afastavam dele com os corpos retalhados pela pesada lâmina da arma, e os que não tinham ainda sido tocados pelo ataque inesperado recuavam para longe do romano enfurecido. Qadir e os seus camaradas arqueiros eram agora dez, e as suas flechas matavam os guerreiros à direita de Marcus com mais rapidez do que

aquela com que eram substituídos pelos homens por detrás deles, e os olhos dos bárbaros saltavam do seu inimigo transtornado, de armadura a pingar o sangue dos mortos à sua volta, para os arqueiros que distribuíam uma morte impessoal de trás da linha romana.

Gilvaz e os seus camaradas de armas constituíam agora o outro extremo da ténue ligação do centurião com a sua centúria, e, na sua maior extensão, os seus escudos formavam uma parede oblíqua desde a linha da centúria até Gilvaz. Um homem tombou para diante no meio da massa formigante dos bárbaros que os enfrentavam, com a garganta espetada por um dardo farpado lançado por sobre a borda do seu escudo e depois puxado para trás e arrastado para fora da parede de escudos, e Qadir empurrou um soldado da fila de trás para a frente a fim de tomar o seu lugar antes de erguer o arco e atirar de novo. Os soldados estavam a aguentar-se razoavelmente, arremetendo contra a massa de inimigos e parando os inevitáveis contra-ataques de uma forma que o soldado veterano sabia que apenas poderia durar enquanto não sucumbissem à força esmagadora que se juntava por detrás deles. Encheu o peito de ar, tencionando suplicar a Marcus para que retirasse da sua posição demasiadamente exposta, mas, antes que o pudesse fazer, o machado fendeu por entre as costelas de um guerreiro moribundo e ficou lá preso. Um guerreiro da massa diante dele desferiu um golpe dirigido ao rosto de Marcus, e a lâmina rasgou-lhe um longo corte na face quando oscilou para trás a fim de evitar o ataque, soltando o cabo do machado quando se curvou para apanhar do chão a espada de um guerreiro em agonia ao seu lado. Impelindo-se para a frente, golpeou com a lâmina da espada as pernas do seu atacante, fazendo o homem ajoelhar-se com os músculos de ambas as coxas rasgadas até ao osso. Desembainhando a *spatha*, o romano rugiu o seu desafio empapado em sangue aos bárbaros, que agora visivelmente se encolhiam e afastavam dele. Um único homem avançou ao seu encontro no espaço que se abria em torno do romano, agarrando com uma mão um maciço machado de guerra e com a outra a lança na qual a cabeça do centurião estava espetada, e quando Gilvaz percebeu de quem era a cabeça, os seus olhos quase se fecharam de dor.

— Oh, grande merda...

Marcus deu um salto para a frente ao encontro do ataque do recém-chegado, e uma nova descarga de flechas se abateu sobre os homens à sua direita quando ele deteve o campeão bárbaro do machado com as espadas cruzadas, parando a lâmina a centímetros da sua cabeça antes de lançar para diante o rebordo do elmo numa cabeçada que fez retroceder

o guerreiro inimigo a cambalear, com sangue a escorrer-lhe do nariz esmagado. Em seguida, com a velocidade do raio, decepou com a *spatha* o braço direito do bárbaro pelo pulso antes de o outro sequer perceber o que lhe estava a acontecer. Impelindo-se para a frente com a arma do bárbaro, trespassou o guerreiro de um lado ao outro, deixando a lâmina cravada no peito do oponente e arrebatando-lhe a lança da mão. Enquanto os bárbaros em volta de si o olhavam num silêncio espantado, puxou a cabeça decapitada da lâmina ensanguentada, atirou a arma para o lado e pôs o medonho troféu debaixo do braço esquerdo. Recuando um metro, resmungou uma ordem em voz baixa para Gilvaz:

— Recua. Lentamente.

Os guerreiros tribais observaram em silêncio os romanos retrocederem até à sua linha, uma passada de cada vez, sem tirar uma única vez os olhos dos seus inimigos, enquanto os hamateus esperavam com as flechas em posição e prontas a voar. Reconquistando a relativa segurança da linha dos tungros, Marcus expeliu uma longa e tremente baforada de ar, e as lágrimas correram-lhe pelo rosto pintado de sangue, entre as proteções laterais, quando baixou os olhos para o rosto contorcido de dor que o fitava. Levantou a cabeça para ver, num torpor, a coorte dianteira da 20.^a Legião irromper violentamente na retaguarda dos bárbaros a menos de cem metros da posição dos tungros na encosta.

— Tratarei de te dar sepultura adequada, Tiberius Rufius, e depois levarei quantos dos meus homens me quiserem seguir, perseguirei o canalha Calgus e garantirei que morre em agonia, por ti. — Virou-se para Morban, que se perfilava atrás do seu ombro, horrorizado com a morte do homem que era ao mesmo tempo o salvador de Marcus e o seu amigo mais chegado, e disse com a voz enrouquecida com repentina dor: — Porta-estandarte, em marcha lenta, retirar para o cimo da encosta. Agora que finalmente chegou, é melhor dar espaço para a maldita legião trabalhar.